A EXISTÊNCIA HUMANA ENQUANTO PROJETO ORIGINÁRIO NA PERSPECTIVA SARTREANA

José Cambada Catimba[1]
Osmar Ponchirolli[2]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a existência humana enquanto projeto originário na perspectiva de Sartre. Em relação aos procedimentos metodológicos optou-se pela revisão bibliográfica. Para o filósofo francês o ser humano é, primariamente nada, porque não existe uma essência *a priori* que o possa definir fora do horizonte da existência e da liberdade de escolha. Assim, o ser humano engajado em um projeto fundamental livre e individual constitui o seu ser a partir de suas escolhas tendo conhecimento de que o seu ser está sempre em questão. Portanto, para Sartre o ser humano será sempre um esboço inacabado, uma totalização em curso, rumo a uma tentativa angustiante de ser um em-si-para-si.

Palavras-chave: Projeto fundamental. Liberdade. Angústia. Má-fé.

[1] Graduando em Filosofia. FAE Centro Universitário. *E-mail:* jose.catimba@mail.fae.edu

[2] Filósofo. Teólogo. Mestre e Doutor pela UFSC. Pós Doutor em Educação pela PUC-PR. *E-mail*: osmarp@bomjesus.br

INTRODUÇÃO

A pergunta sobre o que ou quem é o ser humano se constitui não só como uma das primeiras preocupações da antropologia filosófica como também de toda filosofia em geral. Assim, ao se questionar sobre a sua existência e o sentido da vida, o ser humano se constitui como investigador de si mesmo-já que o seu ser está sempre em questão-e, por meio disso, procura meios ou caminhos para encontrar uma resposta que satisfaça a sua indagação. Essa preocupação é fortemente aflorada pelo movimento filosófico existencialista que apesar de não apresentar um corpo filosófico homogêneo, no entanto, todas elas têm como foco a análise da existência do indivíduo com base na sua singularidade e realidade concreta.

Esta corrente de pensamento emergiu na Europa no século XX num contexto em que o Ocidente passava por diversas crises, por exemplo, a da desvalorização dos valores morais e a do crescente questionamento sobre o sentido da existência. É nesse universo que emergem as reflexões filosóficas levantadas por Soren Kierkegaard (1815-1855) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) cujas preocupações por eles suscitadas irão oferecer ao existencialismo contemporâneo uma nova compreensão do modo de ser do próprio ser humano. Um dos filósofos contemporâneos que marcou esta corrente de pensamento foi Jean-Paul Sartre (1905-1980)[3]. Este filósofo e literato francês ao ser influenciado pelo método da fenomenologia husserliano e pela analítica da existência heideggeriana, retoma na sua reflexão filosófica a questão sobre o sentido da existência humana, aborda sobre a liberdade e coloca-se em debate contra a concepção essencialista do ser humano, desconstruindo assim, a ideia de uma natureza *a priori*[4] que definisse o homem fora da existência.

O procedimento metodológico do presente artigo é uma pesquisa bibliográfica fundamentada nas obras de Sartre "O Ser e Nada: ensaio de ontologia fenomenológica (1943), "O Existencialismo é um Humanismo" (1946) e embasada em artigos científicos e livros de outros autores que versam sobre o tema. O problema da pesquisa é: como Sartre compreende o modo de ser da existência humana enquanto projeto originário? A partir

[3] Na virada de 1932 para 1933 Sartre juntamente com Simone de Beauvoir (também Alberto Camus) irão marcar profundamente a reflexão filosófica do movimento filosófico, literário e artístico chamado de existencialismo francês muito em voga no período pós-guerra mundial preocupado em descrever a complexa paisagem do ser humano analisando sua existência concreta no mundo. Mas Sartre se destaca porque suas obras tiveram implicações em diversos campos do saber porque a sua filosofia complexa e multifacetada é uma rede de interconexões.

[4] Na Filosofia Kantiana a apalavra *a priori* significa todo tipo de juízo que é anterior à empiria (experiência). Sartre toma esta acepção para referir-se a aquilo que vem primeiro antes da existência concreta, no caso a existência mundana. Para Sartre o homem enquanto sujeito não apresenta inicialmente uma identidade metafísica.

desta questão, este artigo se mostra como uma possibilidade que abre novos horizontes de compreensão da condição humana permeada por possibilidades de escolhas. Essa predileção revela o projeto originário que cada homem na sua singularidade faz de si mesmo, pois ele é um projeto em perpétua construção e desconstrução, uma totalização em curso. Como não existe uma essência anterior que defina o homem que não se realize primeiro na existência, o ser humano precisa configurar constantemente um sentido à sua vida que é contingente. Como consequência desta situação emerge a angústia existencial e o sentimento de má-fé.

A partir do objetivo geral que é compreender o modo como Jean-Paul Sartre analisa a existência humana enquanto projeto originário e para facilitar a compreensão do presente trabalho acadêmico optou-se sumarizá-lo da seguinte forma: na primeira secção aborda-se o assunto da liberdade em sua relação com a responsabilidade e possibilidade; na segunda seção será descrito como o fardo da definição pessoal acarreta consigo a angústia e a má-fé; e por último, procura-se analisar a realidade humana individual e subjetiva da existência enquanto projeto originário.

1 A LIBERDADE EM SUA RELAÇÃO COM A RESPONSABILIDADE E POSSIBILIDADE

Antes de nos adentrarmos no modo como o filósofo francês compreende a liberdade e a realidade humana individual da existência enquanto projeto originário (que é o escopo deste trabalho), faz-se mister, em primeiro lugar, apresentar a sua análise fenomenológica sobre as duas regiões do ser (o em-si e o para-si) muito bem fundamentadas na sua magna obra 'O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica' (1943), pois essa análise, enquanto caminho metodológico do autor, mostra-se como uma tentativa de descrever uma existência que, em sendo, está em contínua construção, e que objeta restringir-se em uma única definição (Sartre, 1997).

1.1 O EM-SI

Sobre o ser do em-si, nos é apresentado três características do ser: "o ser é. O ser é em si. O ser é o que é" (Sartre**,** 1997, p. 39). Esses modos do ser revelam a estrutura do ser do fenômeno que sendo em si é plena positividade, atemporal, contingente, não deriva do possível e não suscetível de mudança (Silva**,** 2010). Ousadamente, pode-se dizer que o em-si faz referência ao modo de ser dos objetos como simplesmente dados, vistos como diferentes estruturas da situação. Enquanto facticidade, o em-si

é compreendido como tudo aquilo que de certa forma impõe resistência constante às realizações e projetos do indivíduo (Cox, 2011), mas sempre numa posição de neutralidade, já que dependendo do modo como ele é encarado abre sempre uma possibilidade de ser superado.

Corroborando com estas palavras diz Flynn (2013, p. 5), que "[...] os 'dados' de nossa situação, como nossa linguagem, nosso ambiente, nossas escolhas anteriores e nosso eu, na sua função de em-si, constituem nossa facticidade [...]" que podem oferecer resistência ou ajuda sempre dependendo do modo como são iluminados pela liberdade ou pela escolha que se faz em função do fim posicionado pela liberdade (Sartre, 1997).

1.2 O PARA-SI

Cerbone (2012) argumenta que Sartre já na obra 'A Transcendência do Ego' (1934) - livro anterior ao 'O Ser e O Nada'-, totalmente influenciado pelo projeto da fenomenologia husserliana, apresenta as primeiras descrições do modo de ser do para-si através da análise que ele faz da estrutura da consciência identificada como um nada. Ser um nada pressupõe para Sartre (1997) dizer que a consciência primariamente não tem conteúdos, ela é posicional, voltada e direcionada às coisas que estão fora dela porque a consciência é sempre consciência de algo. É isso o que a tradição fenomenológica chama de intencionalidade (Cox, 2011), que também pode ser compreendido como a correlação intencional entre a consciência e os objetos que se presentificam, de certo modo, na experiência.

Ora, se a consciência é em função de algo que ela não é, isso mostra que a estrutura ontológica da mesma é pura negatividade (Cerbone, 2012) porque ela não pode coincidir consigo mesma. Assim, bem distinto do em-si (afirmação do ser como aquilo que totalmente é) está o para-si, isto é, a consciência definida por Sartre (1997, p. 35) como "[...] um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser enquanto este ser implica outro ser que não si mesmo". Em outros termos, a natureza paradoxal do para-si revela que ele para poder se constituir precisa não conciliar-se com o ser-em-si, aliás, o para-si não apresenta inicialmente uma essência definida, seu modo de ser é inicialmente nada (ele é o que não é).

Nessa perspectiva, pode-se então dizer que o modo de ser do para-si (consciência) enquanto negação do ser revela a forma de ser da realidade humana que enquanto ser lançado no mundo (estando imerso às coisas) sua existência configura-se como pura espontaneidade, liberdade, possibilidade e facticidade. Esta existência, diz Paulo Filho (2018), permite ao indivíduo uma constante metamorfose para a formação de seu ser diante dos inúmeros desafios que o mundo na sua concretude proporciona, pois o ser humano é sempre mais que sua situação (Flynn, 2013).

Este delineamento abre espaço para compreendermos a liberdade em sua relação com a responsabilidade e possibilidade como aspectos capitais da existência humana no pensamento de Sartre. É sobre este assunto que falaremos a seguir.

1.3 A LIBERDADE EXISTENCIAL

Reynolds (2013) considera que Sartre atribui ao indivíduo uma liberdade ontológica e, isso fica evidente pelos argumentos apresentados na distinção feita entre as duas categorias basilares que marcam a realidade humana: o ser-em-si e o ser-para-si (como já apresentamos anteriormente).

Assim, "Sartre sugere que o ser do para-si é a liberdade, e ele funciona pela negação do em-si; em seus próprios termos, o para-si está continuamente se determinando a não ser o em-si" (Reynolds, 2013, p. 90). Esta citação mostra que é por causa deste processo de ruptura ou nadificação que a realidade humana se distancia de seu ser como de sua essência, a realidade humana não se compactua com o princípio de identidade (como o em-si, ser o que se é). Na perspectiva sartreana a realidade humana é livre, coagida "a fazer-se em vez de ser" (Sartre, 1997, p. 545).

Nesta perspectiva afirma o filósofo francês:

> Estou condenado a existir para sempre para além de minha essência, para-além dos móbeis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade, além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres (Sartre, 1997, p. 543).

Com esta citação quer-se dizer que a própria configuração da existência humana só se compreende com base na liberdade enquanto autonomia de escolha singular, como minha liberdade, que cada homem faz de si mesmo longe de querer deixar-se conduzir por qualquer determinismo. Essa escolha não significa libertinagem ou abuso da liberdade, pelo contrário, pressupõe inicialmente ter consciência do que se está fazendo na realização de certo ato.

Pode-se perguntar: como fica a questão da facticidade e do contexto histórico? Será que elas não determinam a ação do indivíduo?[5]

Sobre isso, Sartre (1997, p. 602) declara: "[...] não há liberdade a não ser em

[5] A concepção inicial de Sartre sobre a liberdade foi amplamente criticada pelos marxistas, pois achavam que ele não levava em conta o aspecto histórico-social da realidade. Para remediar tal situação o filósofo francês escreve a Crítica da Razão Dialética (1960) onde a liberdade passa a ser compreendida como uma ação prática individual e coletiva que leva a um engajamento social.

situação, e não há situação a não ser pela liberdade [...]". A existência humana seria então esta combinação entre o que objetivamente está dado (facticidade) e o ser da realidade humana (transcendência) enquanto possibilidade de ir adiante de si mesmo, ou além do seu ser (Cerbone, 2012).

Entende-se que o paradoxo da liberdade indica que as questões factuais (como nosso corpo ou a época histórica que vivemos) se apresentam ao ser humano como possibilidade para que a escolha se realize de certa forma, porque "só escolho a partir da facticidade, mas não escolho a facticidade" (Silva, 2004, *apud* Hoste, 2016, p. 449). Daí que, o exercício da liberdade deve ser empreendido nos modos dos possíveis que permeiam a condição humana marcada por restrições, obstáculos e limites, que, no entanto, não inibem a prossecução de uma escolha, tal decisão não é aprisionada como sendo sempre a mesma, pelo contrário, ela pode ser sempre mudada (Ramos; Reis, 2022).

Neste ínterim, o ser humano enquanto ser lançado no mundo, é convocado e provado a sempre escolher, porque, como assevera Sartre (1997, p. 592) "[...] liberdade é liberdade de escolher, mas não liberdade de não escolher. Com efeito, não escolher é escolher não escolher [...]". O que pressupõe dizer que a partir da existência o ser humano sempre se compreende já como escolha, um ter que decidir entre negar ou aceitar algo e, cada deliberação por ele realizada é uma possibilitação única para que o seu poder-ser se concretize de certa forma, pois "[...] o homem está condenado a ser livre [...]" (Sartre, 2014, p. 24).

Nesta linha de pensamento escolher significa admitir que o rumo da própria existência seria diferente caso se optasse por outro caminho que não o anteriormente deliberado. Assim, na configuração da existência, diz Perdigão (1995, p.86) "[...] a liberdade deve manifestar-se concretamente, dar provas de si em ato. Ou seja: através da escolha de uma ação, da tomada de uma decisão. Ser livre é fazer escolhas concretas [...]". Aceitar essa posição evidencia negar um determinismo causal que possa inibir qualquer tipo de escolha, caso contrário, o ser humano estaria agindo de má-fé.

Pode-se aceitar o impacto objetivo da facticidade sem que esta anule a possibilidade de ser superada com base na projeção do ser humano rumo à concretização de seu possível. Por isso, Allouche (2019, p. 57) defende que "[...] somos sujeitos livres no presente e nos definimos por nossos atos. Portanto, nenhuma fatalidade, nenhuma predestinação condiciona a existência". Tal situação demonstra o projeto originário que cada sujeito esboça no tempo na medida em que escolhe e se decide para o um futuro como possível, daí a incumbência que o ser humano tem de constantemente fazer-se em vez de ser, uma vez que o homem só é concebido a partir deste impulso para a existência.

Corroborando com essa ideia argumenta Silva (2010, p. 70): "[...] se o homem tem de criar seu projeto existencial, isso se dá necessariamente a partir de um horizonte de possibilidades que a ele se abre". Ou seja, a abertura da liberdade para agir deve ser concreta, real e situacional, ela é um caminho de superação da falta ou carência detectada (Vieira Junior; Adans-Bonifacino; Roso, 2016), a liberdade impele ao ser humano à tarefa de assumir as consequências de suas ações sem querer delegar a mesma para outrem.

1.4 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Outro ponto crucial sobre a liberdade na visão sartreana é a sua relação com a responsabilidade, ambas estão entrelaçadas enquanto ato que acontece na realidade concreta assumida pelo indivíduo que procura dar um sentido diferente a sua existência por meio da 'iluminação' que ele faz de cada acontecimento. Declara o filósofo francês:

> A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. Tomamos a palavra 'responsabilidade' em seu sentido corriqueiro de 'consciência (de) ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto' (Sartre, 1997, p. 678).

Ademais, a liberdade aliada à responsabilidade evidencia que cada pessoa carrega o peso de a cada instante poder arcar com as consequências de suas escolhas. Ser livre e responsável pelo que se é, e pelo que se assume, não pressupõe ser individualista, pelo contrário, "[...] quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens" (Sartre, 2014, p. 20). Essa ação, convoca o ser humano para um engajamento que também tem implicações sociais, porque a cada escolha que ele efetua se compromete com o tipo de humanidade ou de mundo que deseja, por exemplo, defendendo um valor moral ou uma causa social.

A nossa experiência cotidiana mostra que embora estejamos envolvidos pelo 'calor' do grupo, quando nos encontramos a sós-sempre sentimos nos ombros o peso de tomar uma decisão e de poder assumi-la (Sartre, 2014). Começa-se a balancear e a jogar as possibilidades de termos optado por algo, pois a incerteza e a angústia tomam conta de nós, emerge neste momento o sentimento de má-fé dentro do projeto fundamental da existência humana. A má-fé se mostra como uma tentativa de querer escamotear a angústia que se apresenta no momento de cada escolha que a própria liberdade provoca (Ramos; Reis, 2022). A seguir aborda-se sobre esta experiência.

2 A ANGÚSTIA EXISTENCIAL E A MÁ-FÉ

De acordo com Carvalho e Gabriel (2022) a compreensão sartreana sobre a angústia está enraizada nas ideias tanto de Kierkegaard como de Heidegger[6]. Hoste (2016, p. 450) advoga que "a angústia kierkegaardiana se apresenta como angústia diante da liberdade [...]. Já Heidegger coloca a angústia como uma 'disposição fundamental' do Dasein [...]". Corroborando com essas ideias, percebe-se que a experiência da angústia decorre da possibilidade de escolha, ela marca a condição humana "porque o homem é angústia" (Sartre, 2014, p. 21) atravessado pelos modos possíveis de sua existência que pedem dele uma resposta contínua.

Na visão de Sartre (1997) existe uma diferença entre a angústia e o medo. Enquanto a primeira surge sempre a partir do próprio homem (ela é interna), a segunda dá-se pela percepção dos elementos que externamente se apresentam ao homem em uma dada circunstância. Vejamos a ilustração que Reynolds apresenta:

> O exemplo mais famoso de Sartre sobre a angústia é um exemplo extremo, mas envolve uma pessoa caminhando ao longo do topo de um vasto precipício. Para ele existem duas experiências que podemos ter nessa situação: podemos ficar com medo de cair, de a trilha desmoronar e de nos precipitarmos para a morte (isso é medo de um dano externo nos atingir); ou podemos experienciar angústia na possibilidade de pular no abismo, temerosos, ou seja, de nossa própria liberdade absoluta em uma situação (isso é angústia diante da perspectiva do que nós mesmos podemos fazer, e desconfiança de nossa própria resposta a uma dada situação) (Reynolds, 2006, p.107).

Com base neste exemplo, a angústia se apresenta como essa possibilidade diante do porvir, como meu ser possível, (Castro, 2020) e do continuar a sustentar a decisão tomada no pretérito-angústia diante do passado-, que de certa forma, incitam o homem a buscar cada vez mais um sentido para sua existência, pois ele toma consciência de que não há uma razão externa que possa justificar as suas ações diante do hipotético e incerto.

Ademais, a angústia é "consciência de liberdade" (Sartre, 1997, p. 77) que faz do homem ser o legislador de si mesmo e de seus valores porque apenas ele, diante de uma situação, sente o fardo de se responsabilizar por cada decisão tomada diante das inúmeras propostas que se lhe apresentam.

> Na angústia, não captamos simplesmente o fato de que os possíveis que projetamos acham-se perpetuamente corroídos pela nossa liberdade-por-vir, mas também apreendemos nossa escolha, ou seja, nós mesmos, enquanto injustificável, isto é, captamos nossa escolha como algo não derivado de qualquer realidade anterior e, ao contrário, como algo que deve servir de fundamento ao conjunto das significações que constituem a realidade [...] (Sartre, 1997, p. 572).

[6] Kierkegaard aborda sobre o tema em "o conceito de Angústia" (1844) enquanto Heidegger discorre sobre o assunto no seu famoso trabalho "Ser e Tempo" (1927).

A injustificabilidade da existência e de nossos atos não apenas revelam a absurdidade da existência, mas como também mostram que o homem está desamparado e abandonado no mundo. Lançado no mundo sem uma fórmula prévia que possa determinar a sua conduta, o existencialismo "[...] pensa que o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem" (Sartre, 2014, p. 25). Essa frase indica uma das bases do pensamento sartreano, o homem é apenas um empreendimento livre de si mesmo sempre em construção e desconstrução do perfil assumido como tal, já que cada solução apresentada é passível de ser revogada (Cox, 2011).

A angústia é essa sensação de estranheza e incompletude de nosso próprio modo de ser, ela se doa de forma imperceptivelmente, misteriosa e indireta no cotidiano de nossas ações, no modo como lidamos com as coisas, por esta razão assinala Leão (2013, p.37) que, "em suas peregrinações de ser, não ser e vir a ser, o indivíduo sente a cada passo de sua vida uma diferença insuperável entre possibilidade e realização" que invade o coração do homem a ter que achar um caminho possível para si.

Allouche (2019, p. 113) descreve que "a angústia também é a fase inevitável que precede a ação na aceitação do real, ela acompanha necessariamente a materialização de nossas escolhas muitas vezes difíceis [...]". Isso indica que a angústia também está presente nos momentos em que necessitamos responder sim ou não a uma provocação para um engajamento sério na vida e na novidade da existência que nos surpreende.

Em função do fardo da responsabilidade, às vezes, o ser humano sente-se compelido a escapar, fugir e escamotear este sentimento (angústia). Essa tentativa de querer retrair-se da possibilidade de escolha, consequentemente não se responsabilizando por ela, é o que Sartre (1997) chama de má-fé.

Ele aponta que a má-fé é também a consciência da angústia diante do seu nada cuja estrutura primária é análoga à mentira. No entanto, existe uma diferença substancial entre ambas. Sartre (1997, p. 94) argumenta que diferente da mentira "[...] na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe a dualidade do enganador e do enganado. A má-fé implica por essência, ao contrário, a unidade de uma consciência". Em outras palavras, agir de má-fé seria mentir para si mesmo estando conscientemente desta verdade, não querendo assumir, por exemplo, assumir a responsabilidade que uma decisão proporciona.

Cerbone (2012) aponta que é pela estrutura combinatória da existência humana, facticidade e transcendência, que acontece a má-fé. E essa estrutura combinatória apresenta uma instabilidade em-si mesma, por causa disso o ser humano tende a inverter e confundir erroneamente a transcendência como facticidade ou vice-versa,

nas palavras de Sartre (1997, p. 102), “é preciso afirmar a facticidade como sendo transcendência e a transcendência como sendo facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma deparar bruscamente com a outra”.

Observe-se o seguinte exemplo de conduta de má-fé, sobre a situação de uma mulher que apesar das tentativas do seu parceiro engendrar os contatos iniciais, ela permanece passiva e imóvel:

> [...] Mas eis que lhe seguram a mão. O gesto do seu interlocutor ameaça mudar a situação, provocando uma decisão imediata: abandonar a mão é consentir no flerte, comprometer-se; retirá-la é romper com a harmonia turva e instável que constitui o charme do momento. Trata-se de retardar o mais possível a hora da decisão. O que acontece então é conhecido: a jovem abandona a mão, mas não percebe que a abandona [...] (Sartre, 1997, p.101).

Ao se distrair da situação, não querendo atribuir nenhum significado às pretensões do galanteador, e por não decidir por si mesma, a mulher acaba por objetificar a sua mão como um ser-em-si que simplesmente está ali, na verdade, é uma omissão da própria situação existencial diante dos possíveis que ela mesma apresenta (Silva, 2021). No fundo, é a consciência negando o seu ser enquanto para-si, desviando seu olhar da realidade dos fatos, que pedem sempre uma tomada de posição, como forma de procurar desculpas da sua não decisão (Trigo, 2012).

Por isso, para Reynolds (2013, p.110) “o mais óbvio desses-exemplos de má-fé-é negar a nossa liberdade (transcendência) e fingirmos que não temos escolha alguma se não aquiescermos com uma certa situação-facticidade”. Assim, com intento de camuflar interiormente o sentimento de angústia provocado pela liberdade, deixando-se determinar pelos elementos externos (por exemplo, o determinismo psicológico, econômico, social e até mesmo, o situacional), o ente humano se considera como que inibido de arquitetar outras possibilidades de ações confinando-se apenas em uma única visão da existência.

Paradoxalmente à existência mesquinha “o existencialismo deixa bem claro, portanto, que não podemos deixar que outros escolham por nós. A construção da capacidade de escolha é a construção da própria história” (Trigo, 2012, p. 99). Viver pressupõe assumir os riscos da liberdade, aceitar a angústia como possibilidade da ação e nunca se aniquilar numa compreensão estreita da existência, vivendo como puro objeto e fechado em si mesmo.

Essa atitude é contra o que Sartre entende como projeto originário livre e individual que cada para-si (o ser humano) em sendo engendra, isto é, a possibilidade que cada projeto livre tem de negar o dado, superando-o rumo ao futuro (Cox, 2011).

Deste modo, tal esboço existencial só pode ser analisado no horizonte da temporalidade que perpassa a própria vivência. De fato, é sobre o aspecto da análise da realidade humana individual e subjetiva da existência enquanto projeto originário que nos deteremos na próxima seção deste artigo.

3 A EXISTÊNCIA HUMANA ENQUANTO PROJETO ORIGINÁRIO

A análise do projeto fundamental é bastante crucial para podermos entender o modo de ser do homem, enquanto projeto livre e individual. E Sartre o faz por meio da psicanálise existencial presente na quarta parte de sua obra, o Ser e o Nada onde o autor faz um confronto com a psicanálise tradicional e especialmente a psicanálise freudiana (Perdigão, 1995), este artigo não entrará nos meandros dessa discussão.

Ora, ao analisar a existência humana enquanto projeto originário é necessário recordar que para Sartre (1997) tal existência está sempre em questão. Está sempre em questão porque ele é sempre uma possibilidade e nunca uma concretização definida de si mesmo como os artefatos que são primeiramente pensados e depois têm uma consumação, daí que Churchill e Reynolds (2020, p. 206) defendem o projeto originário "[...] como meu ser possível, o que faço ser ao escolher a pessoa que sou no que faço".

Neste sentido, por meio da análise da consciência (enquanto negação de ser) e referindo-se ao ser humano Sartre (2014, p. 18) categoriza que "[...] a existência precede a essência [...]", ou seja, a existência mundana é abertura de possibilidade para que o homem, dependendo do modo como ele viva, vá constituindo a sua essência[7], uma vez que, mais do que um de ser certeza, o homem é um ser de possibilidades em busca de definição do seu próprio ser.

> Com isso, Sartre quer dizer que, quando nasce, o homem é nada. Não existem ideias inatas, anteriores ao surgimento do homem e destinadas a orientar sua vida, indicando que caminho ele deve seguir. As ideias o homem as extrai de sua experiência pessoal. O indivíduo primeiramente existe com o tempo, torna-se isto ou aquilo, quer dizer, adquire sua essência. Esta é que irá caracterizá-lo, mostrando-o em que se tornou bom ou mal, agradável ou antipático, destemido ou covarde, etc. A essência humana, portanto, só aparece como decorrência da existência do homem [...] (Penha, 2001, p. 45; Sartre, 2014, p.18).

[7] Convém entender a palavra 'essência' no sentido metafísico como a qualidade necessária de um objeto, algo que seria próprio (intrínseco) de alguma coisa, o seu porquê. Por exemplo, um dado objeto, uma tesoura: primeiro é idealizada e depois tem uma consumação, no caso, sua utilidade já foi previamente definida pelo idealizador.

O homem enquanto ser lançado no mundo e engajado em um projeto livre constitui a sua essência por meio do que ele faz em sendo e escolhendo o tipo de pessoa com base naquilo que ele pretende realizar. Deste modo, o ser humano está sempre se definindo e se constituindo em cada momento, em cada escolha e em cada situação a caminho daquilo que ele ainda não é. Por isso, categoricamente Sartre (2014, p. 19) destaca: "o homem é, inicialmente, um projeto que vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto." O que significa dizer que o ser humano é o autor ou criador de sua própria existência e esta deve sempre ser reinventada, uma vez que, o ser humano coloca-se constantemente na dinâmica do poder ser.

Laporte (2009 a*pud* Silva, 2010) assegura que, o que o homem escolhe, faz e realiza com base no seu modo de existir é condição de possibilidade para a constituição da sua essência.

> Neste sentido, fica explícito que o projeto de ser não é alguma coisa que temos ou que guardamos, não se trata de uma propriedade, trata -se de nosso ser mesmo, em cada uma de nossas ações rumo a um futuro eleito. Assim, ao sermos consciência do mundo encontramos a nós mesmos sendo estes ou aqueles, lançados em determinado campo de possíveis, em meio a tais objetos, cercados por tais pessoas, envolvidos em tais assuntos, usando certas roupas, transitando em certos lugares, convivendo com certos problemas, familiarizados com tais costumes (Ehrlich, 2002, p. 125).

A existência enquanto projeto originário revela o modo de ser do humano lançado num mundo aberto, onde ele na sua lida diária (ocupado e preocupado com as coisas) é convocado e provocado sempre de novo a tomar uma decisão. Ora, a expressão 'mundo' diz de alguma maneira o campo de jogo da liberdade, das resoluções humanas onde "cada ação é reveladora da eleição original do ser humano-que em sendo- somos. Isso equivale a dizer que toda ação remete à totalidade do ser que projetamos ser" (Ehrlich, 2002, p. 61). Assim, tanto no fazer, ter e ser o homem manifesta e colhe o resultado de sua eleição singular sabendo que ele não é tão determinado pelo que já foi ou pelo seu possível compreendido como porvir.

Embora a questão sobre a compreensão do tempo seja um problema melindroso da metafísica, Bornheim (1971) considera que Sartre vê na estrutura ontológica do para-si, que tem o poder nadificante, uma forma de explicar fenomenologicamente a experiência do tempo (passado, presente e futuro). Recorde-se que para o filósofo francês o para-si o seu ser está sempre em questão, ele "é o que não é não sendo o que é" [...] (Sartre, 1997, p. 543). Aplicando esta visão à compreensão do tempo na perspectiva sartreana, significa que o para-si (a realidade humana) compreende

a temporalidade já dentro de uma unidade de significação estruturado e não como um conjunto de acontecimentos isolados, já que, a realidade humana é por si mesma temporal. Não se irá entrar em profundidade neste assunto (Ehrlich, 2002).

É importante frisar que o argumento sartreano sobre a temporalidade não pretende negar as dimensões que compõem o tempo (passado presente e futuro), ou que o ser humano não tenha, por exemplo, um passado. Todavia, assegura Bornheim (1971, p. 66), "mas trata-se de saber do sentido desse 'ter, -um passado- e, visto isso, toda tentativa de reificação do passado torna-se ilusória". Ilusória porque o ser humano não pode confinar-se no que lhe acontece e nem tão pouco deixar-se determinar pelo pretérito que não sua função de em-si não se tem como factualmente ser mudado. Porém, tais acontecimentos podem ser "ultrapassados" na medida em que lhes são dados uma significação diferente em função da escolha que se faz e do fim demarcado.

Assim, o projeto originário na perspectiva sartreana, dentro do horizonte da temporalidade, revela essa abertura do ser humano diante do real, dando novas interpretações para cada acontecimento e tendo a difícil tarefa de se automodelar dentro deste embate entre ser, não ser e vir-a-ser, como argumenta Cox (2011, p. 102), "todos os para-si são um não-ser em relação ao ser, e um projeto lutando em direção ao futuro".

Nesta perspectiva, apesar de ser uma eleição originária do seu ser, o projeto fundamental não apresenta uma estabilidade, ela é instável porque descerra sempre um caminho de anulação ou confirmação da escolha tomada embora que, de acordo com Churchill e Reynolds (2020) a meta de cada para-si é encontrar fundamento de si nele mesmo, procurando se tornar um ser-em-si-para-si ao modo de ser dos objetos. "Sendo uma falta de Ser, uma totalização-em-curso, o Para-Si é um desejo de conquistar a estabilidade, a totalidade acabada, a densidade compacta, a impermeabilidade do Em-Si, sem perder-se, porém, enquanto consciência" (Perdigão, 1995, p. 105). Na experiência cotidiana isso fica bem patente pela aspiração humana de insaciabilidade, ao que parece o ser humano procura encontrar um fundamento para o seu ser ou uma realização plena de si mesmo, no entanto, sem sucesso.

Para Sartre (2014, p. 30) "o homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida". Aqui, mais uma vez nos deparamos com a náusea, a sensação de vazio existencial ou o sentimento de absurdidade que atravessa a realidade humana porque, como diz Bornheim (1971, p. 34) o ser humano precisa "deve ser, busca ser".

Nesta óptica, viver a subjetividade na compreensão sartreana pressupõe a aceitação (não é o mesmo que resignação) de que tudo-a construção de nosso ser- está em nossas mãos, ainda que exista um ser Absoluto, todavia, ele não pode substituir nem tão pouco eximir o ser humano de ser o protagonista singular de sua própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desdobramento da pesquisa realizada leva a considerar que a compreensão da existência humana enquanto projeto originário, na visão de Sartre, indica que o ser humano não é uma marionete ou uma ideia pré-concebida, a exemplo do pinóquio. O ente humano será o que for amealhando no seu percurso vital que não é linear, pelo contrário, é cheio de possibilidades, incertezas, indecisões e limitações que surgem de vária ordem, mas que exigem do homem ser ousado, criativo e destemido para poder transcender ou ir-além das situações-limites.

Ao perceber a contingência de sua vida emerge na realidade humana, por um lado, a angústia existencial pois a existência humana é desprovida de um sentido primário, já que cada decisão tomada é passível de ser anulada e, por outro lado, surge a má-fé que é a tentativa de escapar da possibilidade de escolher tentando mascarar a angústia confundido transcendência com facticidade e vice-versa.

Vive-se num período histórico não apenas de extremismos ou polaridade de pensamento, mas também, de crescente apatia, resignação e indiferença perante a existência. Assim, este artigo ao procurar tratar do modo como Sartre compreende a existência humana enquanto projeto originário quer apontar para necessidade da eleição que cada sujeito, enquanto projeto livre individual, precisa fazer de si mesmo não apenas pelos fins posicionados em função do futuro, mas também pelo reconhecimento de que, enquanto ser a caminho de uma totalização em curso, o ser humano-por meio da liberdade de escolha-precisa perpetuamente refazer-se sempre de novo, construindo e destruindo cada projeto sempre que tentar engendrar um novo esboço para a sua vida. Daí que se recomenda, em um estudo futuro, pesquisar as implicações éticas desta compreensão que não foram diretamente trabalhadas neste artigo.

Portanto, viver a partir do projeto originário é engajar-se, agindo numa realidade concreta, aceitar que o nosso ser está sempre comprometido (somos indivíduos inacabados, inventores de nós mesmos) e que nenhum determinismo causal pode eximir o ser humano de escolher e arcar com as consequências de suas atitudes, já que, a criação da habilitação de escolha é condição de possiblidade para a formação da própria história de vida.

REFERÊNCIAS

ALLOUCHE, Frédéric. **Ser livre com Sartre**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BORNHEIM, Gerd Alberto. **Sartre, metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CARVALHO, Mikaelli Neves; GABRIEL, Nilson Lucas Dias. REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE ANGÚSTIA EM SARTRE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA. **Contradição-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, v. 3, n. 1, 2022. Disponível em: O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM SARTRE | Contradição - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais (unifatecie.edu.br). Acesso em: 6 out. 2024.

CASTRO, Fabio Caprio Leite de. A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre-Sobre o que a ciência não pode objetificar. Ética e Filosofia Política, v. 1 n. 23, 2020. Disponível em: A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre – sobre o que a ciência não pode objetificar | Revista Ética e Filosofia Política (ufjf.br). Acesso em: 6 out. 2024.

CERBONE, David R. **Fenomenologia.** Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHURCHILL, Steven; REYNOLDS, Jack. **Jean-Paul Sartre:** Conceitos fundamentais. Tradução de Bruno Gambarotto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

EHRLICH, Irene Fabrícia. **Contribuições do "Projeto de Ser" em Sartre para a Psicologia de Orientação Profissional**. 2002. 232 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC, 2002. Disponível em: Microsoft Word - dissertação 3.doc (core.ac.uk). Acesso em: 28 abr. 2024.

FLYNN, Thomas. Jean-Paul Sartre: Uma Biografia Filosófica. Tradução de Vitor Luiz Rigoti dos Anjos, revisão de J. Renato Salati. **Investigação Filosófica**, v. 4, n. 2, artigo digital 4, 2013. Disponível em: Jean-Paul Sartre (core.ac.uk). Acesso em: 28 abr. 2024.

HOSTE, Vinicius X. A constituição da angústia em Sartre: do patológico ao ontológico. ***Sofia***, Vitória, v. 5, n. 2, p. 445–462, ago.–dez. 2016. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: https://doi.org/10.47456/sofia.v5i2.14992. Acesso em: 4 out. 2024.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Kierkegaard, Apóstolo da Existência. **REVISTA BRASILEIRA**, Rio de Janeiro, Fase VIII, Ano II, n. 75, p. 33-46, abr./ mai./ jun. 2013. Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-75.pdf. Acesso em: 5 out. 2024.

PAULO FILHO, Luciano Oliveira. Antropologia existencial no pensamento de Jean-Paul Sartre**. Revista DIAPHONÍA**, v. 4, n. 1, p. 108-118, 2018. Disponível em: Antropologia existencial no pensamento de Jean-Paul Sartre | Revista DIAPHONÍA (unioeste.br). Acesso em: 29 out. 2023.

PENHA, João da. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2001. v. 61. (Coleção Primeiros Passos).

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade:** Uma Introdução à Filosofia de Sartre, Porto Alegre: L & PM, 1995.

RAMOS, P. A; REIS, T.L. A conscientização do homem acerca de sua responsabilidade de escolha a partir do conceito de liberdade em Jean Paul Sartre. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 2, p. 48-55, mai./ago. 2022. Disponível em: https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/3218. Acesso em: 21 out. 2024.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo.** Tradução de Caesar Souza, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é Um Humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **O Ser e o Nada:** Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SILVA, Paulo Cesar Gondim da. **O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre.** 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/items/7c0daa14-a465-40ac-910b-46169a5adc81. Acesso em: 12 maio 2024.

SILVA, Rodolfo Ferreira da. O PROJETO EXISTENCIAL DO HOMEM. In**: II Semana Nacional de Teologia, Filosofia e Estudos de Religião e II Colóquio Filosófico**, MOSSORÓ - RN, 2021. Disponível em: https://doity.com.br/anais/semana-nacional-teo-filos-e-cr/trabalho/175759. Acesso em: 2 maio 2024.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Existencialismo**: um enfoque cultural. Curitiba: Inter Saberes, 2012. (Série Estudos de Filosofia).

VIEIRA JUNIOR, Cezar Augusto; ARDANS-BONIFACINO, Hector Omar; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 1, p. 119-130, 2016. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5275/527554776010.pdf, Acesso em: 5 out. 2024